

Para quem  
quiser  
completar  
os estudos,  
o subsídio  
é integral.

A idéia pegou:  
funcionários  
voltaram às  
aulas.



Eder Luis Medeiros/AE

## Autolatina: funcionários de volta às aulas.

O plano de subsídio à educação já conquistou mil alunos.

Ontem foi o primeiro dia de aula do estudante Manoel Estevão de Lima. Como a maioria dos alunos da 4ª série do 1º grau, ele tem um pouco de dificuldade com matemática. Ao terminar a primeira lição sobre operações básicas, Manoel anotou algumas dúvidas e resolveu levá-las para casa. Estava decidido a consultar a filha de 13 anos, que cursa a 6ª série. "Ela é ótima com números", gabou-se.

Manoel tem 47 anos e parou de estudar na 3ª série, para trabalhar e ajudar a família no interior de Pernambuco. Quando chegou em São Paulo não teve tempo para mais nada além de criar os filhos e ganhar dinheiro. É encanador na Autolatina há 16 anos. "Agora que sobrou um tempinho vou ver se recupero", empolga-se. "Nunca é tarde."

Como Manoel outros 999 funcionários da Autolatina se atraíram pela possibilidade de voltar aos estudos com subsídio integral da empresa. É o Plano de Incentivo à Educação, uma iniciativa que pretende oferecer aos empregados horistas (os que trabalham diretamente na produção) a conclusão do 1º e 2º grau. "Nosso objetivo

é preparar o funcionário para a ascensão social dentro da indústria e fazer com que ele acompanhe melhor o desenvolvimento tecnológico dessa área", argumenta Miguel Jorge, vice-presidente de assuntos corporativistas da Autolatina.

Para cumprir as metas do projeto a empresa investiu US\$ 1,5 milhão, custeando além do material escolar, também o transporte e a alimentação dos que se interessam pelos estudos. O objetivo de escolarizar os funcionários nasceu de uma pesquisa concluída durante o ano passado, quando a Autolatina descobriu que 63% de seus trabalhadores — cerca de 26 mil — não têm o 1º grau completo.

Destes 26 mil, 9% não concluíram a 4ª série e 54% pararam entre a 5ª e 8ª série. "Resolvendo esse problema a empresa pode preparar sua mão-de-obra para receber qualificação especializada", comenta o gerente de Educação e Treinamento, Carlos de Queiróz Rebouças. "É um investimento que reverte a médio prazo em produtividade e qualidade".

Os estudantes, no entanto, empolga-

dos com o início das aulas, pouco se incomodam com tantas explicações técnicas. Ao contrário das crianças, ficam fascinados pelos cadernos, apostilas e livros novos. Sentam-se comportadamente nas carteiras e permanecem em silêncio enquanto os professores falam. "Não tem nem comparação", suspira o professor de geografia Elton Teixeira de 37 anos. "Adultos se empenham muito mais, porque sabem da importância dos estudos e só estão aqui porque decidiram."

O esforço é comum. Todos os operários que desejam estudar, acabam optando por uma boa dose de sacrifício. Trabalham oito horas na linha de produção e assim que terminam o turno se concentram por mais três horas à frente de um quadro negro. "Vale à pena", garante o montador José Maria Amorin Dutra, de 55 anos. Ele trabalha na Autolatina há 30 anos, parou de estudar na 4ª série, hoje confessa que esqueceu até como multiplicar ou dividir. "Se a gente fica muito tempo distante dos estudos, o mundo progride a a gente não acompanha. E o pior é que o prejuízo é só nosso."